

E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico*

E-motivity: the social impact of the Internet as a limbic system

■ DERRICK DE KERCKHOVE **

Università degli Studi di Napoli Federico II. Nápoles, Itália

RESUMO

O texto utiliza a metáfora do sistema límbico humano para descrever o novo sistema de interação criado pelas redes sociais, explorando as condições envolvidas na criação e no desenvolvimento de emoções na Internet, de modo a esclarecer a relação entre a tecnologia e a psicologia. Para defender o argumento de que a imediaticidade da mídia social favorece reações a eventos públicos, apresenta exemplos, como as respostas dos indivíduos à crise financeira global e as demandas por mais transparência nos governos e instituições financeiras, em casos como o do WikiLeaks e da Primavera Árabe. Conclui-se que a Internet permite que os indivíduos ampliem sua ação, que agora pode ter um alcance global, com possíveis efeitos sobre a cidadania.

Palavras-chave: Internet, mídia social, sistema límbico, transparência, cidadania digital

ABSTRACT

The article metaphorically uses the human limbic system to describe the new system of social interaction created by social networks, exploring the conditions involved in the creation and development of emotions on the Internet, in such a way as to reveal the relation between technology and psychology. In defence of the argument that the immediacy of social media favours reactions to public events, it presents examples such as the individual responses to the financial global crisis and the demand for more transparency in the governments and financial institutions, in cases like WikiLeaks and the Arab Spring. It concludes that the Internet allows individuals to extend their action, that now have a global reach, with possible effects upon citizenship.

Keywords: Internet, social media, limbic system, transparency, digital citizenship

* Este artigo foi baseado em um trabalho apresentado no congresso *The Mobile Century: Life and Work in the Digital Era at the Mobile World*, ocorrido em fevereiro de 2014.

** Autor de *The Skin of Culture* (Somerville Press, 1995; traduzido em português como *A Pele da Cultura*, Annablume, 2009) e *Connected Intelligence* (Somerville House Books, 1997), atualmente é professor aposentado do Department of French da University of Toronto, Canadá, mas professor titular de sociologia da cultura digital na Università degli Studi di Napoli Federico II, Itália. Foi diretor do McLuhan Program in Culture and Technology de 1983 até 2008. Hoje é diretor científico do Media Duemila, em Roma. E-mail: d.dekerckhove@utoronto.ca

A INTERNET TEM UMA dimensão emocional muito importante. As pessoas sentem cada vez mais necessidade de compartilhar detalhes pessoais, pensamentos, sentimentos e ideias com o resto do mundo como parte de suas vidas online. Quais são as primeiras coisas que nós podemos e gostamos de compartilhar? Certamente, emoções. Recorremos à Internet e às redes sociais para expressar e compartilhar a indignação, a felicidade, o ódio e a ironia. Os sentimentos e as emoções são a base do crescimento e manutenção de nossa imagem, tanto digital quanto pessoal. Sem as emoções, todo o sistema de mídia social entraria em colapso. O compartilhamento de emoções certamente não ocorre apenas na Internet, mas em todas as mídias de diferentes formas. Entretanto, a rede transforma continuamente estímulos emocionais em configurações velozes e engenhosas por ser fundamentalmente relacional. As mídias sociais (entre outras plataformas) desenvolvem nossas emoções e dispersam-nas em redes, como o sistema límbico faz no corpo.

Isto é válido não apenas para os *amigos* no Facebook ou para solteiros utilizando sites de relacionamento, mas para toda a nossa vida como vivida neste meio. É verdade para como compartilhamos nossas crenças políticas pelo Twitter ou em vídeos virais no YouTube. A mídia social atua como agente para transmitir e partilhar emoções. O mundo online funciona como um sistema de integração de impulsos, desejos e frustrações que se move na velocidade da luz. Os grandes movimentos, como a Primavera Árabe, o Occupy Wall Street ou o movimento de base Los Indignados da Espanha, representam emoções coletivas e conectividade entre povos ao longo de fronteiras e culturas.

A pesquisa revela que a raiva se propaga mais rápido do que a satisfação. O curto panfleto *Indignez-vous*, de Stéphane Hessel (2011), foi catapultado justamente por essa rápida viralidade de ódio nas redes. A faísca que desencadeou o fogo foi, sem dúvida, o WikiLeaks. Entre a publicação dos documentos secretos no WikiLeaks e o *Indignez-vous* ocorreu uma evolução dos sentimentos sociais que não eram propriamente explícitos, mas tampouco conscientes no todo. O WikiLeaks foi um momento de despertar para a hipocrisia dos governos. A falsidade e a ambiguidade são, em certo sentido, necessárias à diplomacia, mas há um limite para tudo. Surgiu uma maior demanda por *accountability* por parte das instituições. As novas mídias certamente criaram esse sentimento por terem tornado visíveis ações e comportamentos repreensíveis local e globalmente e que costumam ser abafados pela censura ou pela ignorância geral. Neste mundo transparente em que vivemos, o jovem egípcio que assiste ao jovem tunisiano rebelando-se contra um regime corrupto sente-se chamado à ação, independentemente da distância geográfica. O mesmo vale para todos.

Como McLuhan (1964) disse, as linguagens eletrônicas têm feito do mundo uma extensão de nossa pele.

Gosto de usar a metáfora do sistema límbico humano para descrever este novo sistema de interação social. Usando esta metáfora quero explorar as condições envolvidas na criação, comunicação e desenvolvimento de emoções na Internet, trazer à tona o relacionamento entre tecnologia e psicologia. É importante entender essa interação quando se tenta analisar os modos com que as mídias modificam nossos ambientes e como as pessoas são transformadas pelo uso destas, às quais estão expostas cotidianamente. Isto é especialmente importante quando envolve uma tecnologia que transmite linguagem e que, por isso, torna-se uma interface entre a linguagem e a mente do usuário. Além disso, ao explorar a relação entre o conhecimento e as mídias, podemos também examinar as maneiras pelas quais as novas tecnologias afetam os nossos processamentos conscientes e inconscientes de informação e nossas reações afetivas.

Nos meios conectados pela Internet, há muitos eventos emocionais e cognitivos sendo transmitidos de pessoa para pessoa, o que por sua vez motiva o compartilhamento de experiências e também o chamado à ação política. É claro que o mapa geopolítico do mundo atual foi alterado pela ascensão à cena política, pela Internet, de uma nova classe de ativistas políticos de massa, que não são mais uma *Maioria Silenciosa*¹.

Assim, agora que a maioria não é mais silenciosa, o resultado é uma espécie de *massificação* da interatividade social, consistindo em conexões entre muitos indivíduos que respondem a algum problema atual como um coletivo significativo. O sociólogo espanhol Manuel Castells (2009), que estuda redes sociais, chamou isto de uma colaboração entre vários “indivíduos de massa”. Castells identifica que as relações que se estabelecem pelos indivíduos numa base pessoal, de uma pessoa a outra, são muito mais complexas e articuladas que aquelas que derivam das reações de uma multidão ou de uma massa anônima. Podemos, portanto, imaginar que o resultado desta interação ininterrupta entre indivíduos na Internet é equivalente à multiplicação infinita de conversas informais.

Essas mudanças no modo como interagirmos e nos relacionamos com os outros em um contexto social de massa estão diretamente refletidas nos modos como usamos as mídias contemporâneas. Particularmente, podemos ver uma redefinição gritante da distinção entre público e privado no contexto conversacional dos sites conectados a redes sociais, assim como a emergência de novas formas de intimidade e a expressão de emoções que reforçam tanto a ação individual como a interação social.

1. Nome dado à parte essencialmente mais conservadora da população estadunidense.

Esta nova experiência de compartilhamento de informação, emoções e opiniões em tempo real pelos indivíduos se dá a partir do que chamo de sistema emocional límbico.

O sistema límbico controla as emoções no corpo humano (como faz em todos os mamíferos). É um conjunto complexo de pequenas estruturas cerebrais que se situam na parte interna do cérebro, presentes nos dois hemisférios. Formado há milhões de anos, existe em muitos outros animais menos evoluídos do que o homem. Essa região do cérebro está intimamente conectada ao córtex cerebral, ou massa cinzenta, regulando os ritmos biológicos vitais, incluindo as reações emocionais, tais como o medo e a agressividade.

Desse modo, de fato, o que são as emoções?

- Elas são parte de um sistema de biorregulação que facilita a sobrevivência;
- São respostas fisiológicas desencadeadas por determinados sistemas cerebrais em resposta a estímulos externos ou internos ao corpo;
- Existem duas categorias principais de emoções:
 - Primárias: aquelas criadas ao longo do processo de evolução natural, por exemplo: felicidade, tristeza, medo, raiva ou repulsa;
 - Secundárias: aquelas relacionadas à situação cultural ou social, por exemplo: ciúme, constrangimento, culpa e orgulho.

O sistema límbico funciona através de relações biológicas entre as várias unidades operacionais do sistema nervoso central:

- O tálamo capta a informação de fora do corpo por meio dos sentidos e leva-a para uma parte diferente do cérebro, como o córtex ou a amígdala, para provocar respostas.
- O hipotálamo leva e traz a informação para o corpo por meio de diferentes mecanismos de controle. Ele, por exemplo, desencadeia a resposta da glândula adrenal ao estresse, que faz com que mais energia seja liberada para o uso imediato.
- O hipocampo registra fatos e informações. Ele não estimula as emoções, mas transmite dados ao córtex para serem processados.
- A amígdala grava o tom e a intensidade das emoções e informa outras partes do cérebro, especialmente o hipotálamo, se há perigo.

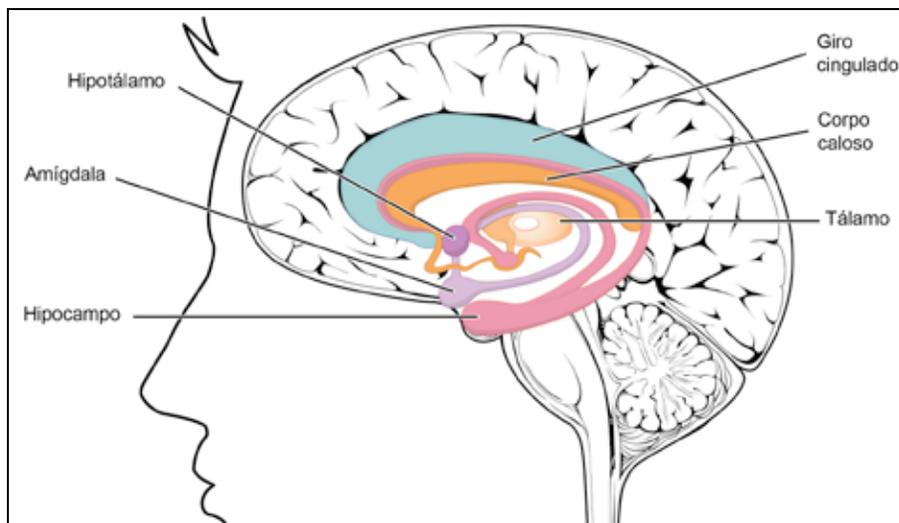


FIGURA 1 – O sistema límbico (fonte: OpenStax College/Wikimedia Commons)

O conceito de *ser social* não é apenas uma metáfora. Começou como parte da cultura tribal primitiva, mas as pessoas estão continuamente submetidas às correntes emocionais do momento, mesmo em uma cidade moderna, em que são parte do ser social coletivo. Todos os grandes teóricos da multidão como Gustave Le Bon (*The Crowd: A study of the popular mentality*, 1968/1895), Elias Canetti (*Crowds and Power*, 1984/1960) e Jacques Ellul (*Propaganda: The formation of men's attitudes*, 1973) fizeram observações relevantes sobre o ser social do homem. Do mesmo modo, compreende-se ainda que quando as pessoas têm necessidades físicas em comum, uma troca emocional também ocorre como parte da interação. O surgimento da mídia em tempo real, o rádio, a televisão e agora a Internet, ampliam este processo e o aceleram como nunca antes. Em resumo, portanto, podemos dizer que a Internet ampliou a influência do sistema límbico individual para a multidão.

Podemos comparar de modo mais ou menos acurado os vários elementos e funções da rede biológica emocional aos órgãos tecnológicos do *sistema nervoso central* da Internet. Os monitores, os teclados e todos os periféricos dos computadores, os tablets, as câmeras de vídeo, os gravadores e os celulares são coordenados pela Internet, o que equivale ao tálamo transmitindo informação para transformar em ação. Da mesma forma, os agregadores de dados funcionam como o hipocampo ao combinar a informação de diferentes mídias e fontes, permitindo o crescimento da emoção social. A mídia social, como o Twitter em particular, pode ser comparada à amígdala, que desempenha o papel de um acelerador e determina a quantidade e o tamanho da

reação emocional a um evento. Basta pensar em como o Twitter estimula os seguidores a experimentar instantaneamente uma onda de sentimentos compartilhados com a multidão. O Twitter é bastante individual, impactando a todos pessoalmente e revelando seus interiores, mas ao mesmo tempo amplia a influência e o impacto da multidão.

A mídia social, o hipocampo da Internet, transmite e armazena imagens e textos que estimulam as emoções e permitem a reunião de informações e o compartilhamento de fatos e opiniões em tempo real. O Facebook, o Twitter, as salas de bate-papo e os fóruns, assim como outros sites que são altamente regionalizados, fazem as pessoas reagirem em ondas emocionais que podem congregiar outras de diferentes culturas, religiões e contextos sociais.

O imediatismo da mídia social permite ao indivíduo se envolver num nível emocional com as questões políticas e sociais. A prontidão para reagir emocionalmente a acontecimentos públicos externos é resultado da percepção, por parte dos usuários da mídia social, de que eles estão pessoalmente conectados uns com os outros, compartilhando seus próprios pontos de vista políticos, e com aqueles que estão dispostos a compartilhar informação e notícias em tempo real.

Exemplos da interface entre o pessoal e o público são as reflexões e os pontos de vista trocados a respeito de questões atuais, como a resposta à crise financeira global e a crescente demanda por maior transparência e responsabilidade por parte das grandes instituições financeiras². A resposta coletiva através da mídia social para problemas como estes aumenta a crescente indignação popular. No passado, as pessoas tendiam a ter mais tolerância com empresas e governos corruptos, pois havia falta de informações precisas com mais frequência recebidas não em tempo real, mas após os fatos. Agora, porém, especialmente após o WikiLeaks, existe pela mídia social uma espécie de estado de alerta permanente que pode desencadear uma resposta cognitiva coletiva.

O caso WikiLeaks foi o início de uma nova realidade política em que a transparência *tem valor*, a informação é uma moeda e a consciência e a responsabilidade se tornaram um acontecimento ético. As revelações do ex-agente da NSA, Edward Snowden, de que todos são espionados pela Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos foram a gota d'água. A transparência veio para ficar.

Experimentamos emoções globais o tempo todo, mas nem sempre percebemos. Por exemplo, compartilhamos a consternação global com as revelações – e o subsequente tratamento a Edward Snowden – e experienciamos simultaneamente uma solidariedade subconsciente com a multidão sobre o assunto. A era da transparência desvela práticas escandalosas em instituições confiáveis. Uma inquietação global conduz as pessoas maduras para locais de crise. Todo

2. Ver *Trabalho Interno* (*Inside Job*, 2010), um documentário sobre o conluio entre o governo dos EUA e os grandes grupos financeiros.

mundo está envolvido na e com a guerra da Ucrânia com a Rússia e todos têm uma opinião. Os Jogos de Inverno de Sochi provocaram sentimentos mistos sobre Vladimir Putin em todo mundo. As decapitações dos jihadistas, sejam reais ou simuladas, provocam uma sensação de horror em milhões. A sociedade móvel é e-móvel, assim como e-moção.

Outro aspecto crítico da ascensão da transparência global é que o próprio mundo está se tornando instantaneamente transparente. Isto é um efeito da velocidade da transmissão. No passado coisas terríveis aconteciam também, é claro, mas por serem reveladas apenas depois do fato, e por vezes não a todos, a reação emocional era enfraquecida pelo descompasso, pelas dúvidas. As tentativas *post-factum* de explicação levam o limite emocional ao máximo. Hoje, como nos dizem e por vezes mostram poucos minutos depois de acontecer, uma pessoa é decapitada ou um avião é derrubado por um aparente suicida assassino, a maioria das testemunhas encontra-se em meio à agonia de uma emoção muito próxima de uma discussão acalorada ou de uma briga.

As razões para os indivíduos e grupos se indignarem com informações ou acontecimentos específicos pode parecer menos clara hoje, já que o mundo tornou-se muito complexo, vasto e interdependente. Há uma infinidade de possíveis pautas para apoiar e sempre haverá pessoas o suficiente para compartilhá-las. Na *Cauda longa* das emoções sociais, as pessoas se alimentam de uma variedade inesgotável de combinações nos relacionamentos. Vivemos em um estado de interconectividade que nunca existiu antes, permitindo as combinações mais rarefeitas e improváveis.

Por exemplo, como mencionado, o pequeno livro de Stéphane Hessel, publicado na França em 2010³, iniciou o movimento internacional chamado Los Indignados. Ele cresceu a partir da mídia social primeiro na Espanha e depois em muitos outros países, produzindo mais de mil ondas emocionais bem além das fronteiras da França.

A Internet e as ferramentas da Web 2.0 introduziram na sociedade civil uma possibilidade real de expressão não estruturada, participativa e colaborativa, sem hierarquias. Através do processo de compartilhamento, de maneira espontânea e emocional, a “aldeia global” de McLuhan se tornou uma realidade.

Por outro lado, considerando isso, a participação política coletiva online também tem sido minimizada, chamada de ativismo de sofá ou cliqueativismo (*clicktivism*), resultante da contração da palavra *ativismo* com o verbo *clicar*. Isso significa o simples e instintivo ato de clicar em *curtir*, que pode ser visto como um modo preguiçoso de pertencer a um grupo, e não uma associação social real. Vide Micah White (2010): “Ao promover a ilusão de que navegar na web pode mudar o mundo, o clickativismo está para o ativismo assim como o

3. *Indignez-vous!* – ou traduzido para o inglês como *Time for Outrage!* (Hessel, 2011).

McDonalds está para uma refeição bem preparada. Pode parecer comida, mas já não existem mais nutrientes”.

Este julgamento bastante duro do impacto político dos movimentos baseados na mídia social ignora que as pessoas se envolvem nas manifestações nas ruas. O movimento Occupy Wall Street, por exemplo, foi claramente além do mero clickativismo e envolveu a mobilização real das pessoas num nível físico. A comparação com o sistema límbico torna-se mais convincente porque uma emoção acabará tornando-se uma ação real se for estimulada o suficiente.

Das revoltas árabes aos protestos na Islândia, as reações populares têm progredido do que iria começar online como um movimento de rua local para uma evolução em um curto espaço de tempo conforme o movimento ganha força e conecta comunidades heterogêneas. Os Indignados de todo o mundo, os *aganaktismenoi* da Grécia, o Anonymous, o M-15 na Espanha e todas as outras facetas do fenômeno Indignez-vous, incluindo a reação às eleições na Itália, são exemplos claros deste novo fenômeno.

A socióloga norte-americana Zeynep Tufekci (2011), que tem estudado minuciosamente as várias fases da *Primavera Árabe*, nomeia este fenômeno de *efeitos de rede*, com o sentido do impacto da rede de comunicações no comportamento da massa em tempos de crise. A Internet muda as estruturas e formas das redes sociais, aumentando a velocidade da comunicação e modificando e reestruturando a esfera pública.

A meu ver, a coisa mais importante a se entender e estudar nesses exemplos é o fato da Internet permitir aos indivíduos ampliar seu impacto para além dos limites de seu próprio quarto, tornando-o global. Como Tufekci destaca, houve mais de sete protestos de rua na Tunísia *antes* do evento que deu início à *Primavera Árabe*. Por exemplo, em Gafsa, uma cidade no extremo sul da Tunísia, houve protestos em 2008 seguidos de uma repressão brutal não apenas aos manifestantes, mas também à informação. Tufekci nota que naquele momento do protesto em particular havia apenas 28 mil usuários do Facebook na Tunísia. Porém, após a autoimolação de Mohammed Bouazizi, em 2010, o movimento de protesto tornou-se viral e foi além dos limites do cenário local, já neste momento havia dois milhões de usuários do Facebook na Tunísia. Um aspecto central da reação de raiva e indignação em cadeia tão rápida é que a opinião pública emigrou rapidamente para o global, em vez de estar limitada ao contexto local. A indignação foi compartilhada e apoiada pela reação mundial às atrozes fotografias do Facebook de manifestantes caídos, mutilados ou mortos nas ruas. Este exemplo mostra que o impacto da rede é tão forte que pode desafiar até mesmo a extrema brutalidade da repressão, por isso é que acredito estarmos vendo o impacto social de um sistema límbico.

Também devemos entender, no entanto, que o fenômeno da mobilização social não nasceu ontem ou mesmo há três anos. Existem precedentes que podem ser interpretados como estágio de maturação social do sistema límbico. Antes mesmo da expansão da Internet, já em 1989 os dissidentes chineses foram capazes de usar faxes para enviar notícias e imagens da repressão na Praça Tiananmen, em Pequim, apesar da censura governamental e do controle da imprensa e da grande mídia.

Em 1994, quando o mascarado subcomandante Marcos apareceu na Internet como a face da rebelião no estado mexicano de Chiapas, foi o início da evolução da opinião pública do local para o global. Não era mais possível para o mundo ignorar a injustiça do governo do México contra os agricultores da região em nome das empresas multinacionais de alimentos.

O caso especial das Filipinas evidencia as diferentes capacidades da Internet e dos SMS para provocar uma resposta emocional nas pessoas. Durante alguns anos (1999-2001) se soube que o governo de Estrada estava envolvido em muitos escândalos de corrupção, mas um protesto virtual inicial em 2000 não resultou em um impacto de massa. Embora existisse um milhão de filipinos conectados no mundo, apenas 50 mil destes estavam no próprio país, os demais viviam como trabalhadores expatriados. Em 2001, talvez porque o uso do SMS nas Filipinas ainda fosse gratuito (integrava as tarifas telefônicas) e capaz de ser transmitido amplamente, era possível entrar contatar centenas de pessoas com apenas uma mensagem. Os donos de telefones celulares, assim, estimularam raiva e indignação entre a população, suficientes para derrubar o governo de Estrada.

No Irã, em 2009, o uso do Twitter que alardeou a fraude eleitoral, ameaçando invalidar a reeleição do governo Ahmadinejad, mas foi interrompido devido à repressão:

A respeito dos confrontos no Irã, o Twitter, especialmente por sua integração a telefones celulares, é de fato o único canal mais ou menos aberto ou aberto de maneira intermitente pelo qual as notícias e informações sobre a República Islâmica podem ser transmitidas depois da contestada eleição presidencial iranianiana que apresentou a vitória de Ahmadinejad. (Sofi, 2009).

Como comentado pelo *The Washington Times* (2009):

O que estamos vendo é a chama tremulante da liberdade. As pessoas estão dispostas a arriscar suas vidas para protestar contra um sistema que as oprime e lhes nega a dignidade humana fundamental. Aqueles que dizem que nada disso importa – que é apenas outra disputa entre facções da classe dirigente e que não

há chance disso se refletir em mudanças reais – estão perdendo o que é importante de vista. O povo iraniano está exercendo seu direito supremo, enquanto povo, de enfrentar seus dirigentes e dizer “basta”. Eles estão chamando a atenção de um mundo que negocia com seus opressores. O que os iranianos estão nos dizendo é que anseiam por liberdade.

Quais lições emergem desses exemplos? Este novo fenômeno de ativismo político ascendente, não organizado por partidos políticos, mas por cidadãos comuns, tem demonstrado que será muito difícil suspender as constituições democráticas e entregar o poder aos membros da mesma família ou da mesma *casta*, como sempre aconteceu. A este respeito, estou particularmente impressionado com a conclusão que Esther Dyson, presidente da EDventure Holdings e investidora ativa em diversas *startups* ao redor do mundo, deu à sua reflexão sobre o WikiLeaks:

Em longo prazo, o WikiLeaks importa por duas razões. A primeira é que nós precisamos de um melhor equilíbrio de poder entre as pessoas e as autoridades. A informação – e especialmente o poder da Internet para disseminá-la – é nossa melhor defesa contra comportamentos sem transparência e explicação. A segunda razão é que *queremos* confiar em nossos governos e instituições. O ponto inicial é fazer com que aqueles que estão no poder comportem-se melhor – e nos fazer confiar mais neles. Em vez de vê-los como inimigos, devemos saber o que estão fazendo, e talvez ter um pouco mais de poder de decisão. (Dyson, 2010)

Atualmente estamos diante de um marco, um novo início que ninguém poderia ter previsto. Os jovens e a Internet estão finalmente relegando à história a opacidade dos processos decisórios que ainda estavam no século vinte. As antigas estruturas de poder e as redes têm, portanto, de lidar com a velocidade dificilmente controlada da inteligência e dos sentimentos colocados em movimento pela web a partir de agora.

Estamos num tempo comparável ao da Revolução Francesa. Uma revolução assinala uma mudança radical e brutal de regime no limite de um completo do abuso social. O caminho progressivo do abuso social à revolução lembra a “teoria da catástrofe”, de René Thom. Da mesma forma, a Reforma Protestante iniciou um período duradouro de guerra entre católicos e protestantes provocado pelo crescente abuso do poder papal e a mercantilização de *indulgências*. A guerra entre os sunitas e xiitas é uma repetição, sob condições eletrônicas, das guerras religiosas da Renascença, tal como estas foram consequência da chegada da imprensa, como Marshall McLuhan (1962) e depois Elisabeth Eisenstein (1979) discutiram e confirmaram. Há de fato um relacionamento simbólico

entre as decapitações que ocorreram na Revolução e aquelas praticadas pelos jihadistas. Ambos são um terrível golpe no ser de cada um de nós, mesmo aqueles que afirmam não ter nada a ver com isso. Hoje, o medo penetra o mundo inteiro porque a nova forma de terrorismo é global e não tem nenhum inimigo específico.

É este o ambiente no qual as pessoas querem viver? Há claros sinais de uma demanda global por correção política, por prestação de contas, pelo uso justificado dos impostos, por meios efetivos de combate à pobreza, por negociações pacíficas etc. A imagem mundial dos regimes que ignoram tais valores é, doravante, decididamente diferenciada. Há evidência da ascensão de uma sociedade do compartilhamento, de movimentos prolongados que revelam a injustiça e a violência (Usuhadi, Aavaz). Pelo lado da sensibilidade, acima da presença dos movimentos *verdes*, que apoiam e transmitem valores globais, os primeiros sinais de formas de arte globais em novas tecnologias, são certamente um fraco sinal a ser considerado, pois a arte tem uma ação preditiva, embora em um nível quase homeopático, sobre o futuro. A arte tem um impacto muito sutil em nosso sistema límbico. Reflete e acelera igualmente uma sensibilidade global planetária que, de alguma forma, já existe em manifestações incipientes.



FIGURA 2 - Rafael Lozano-Hemmer, *Alzado Vectorial*, Mexico City, 1999-2000 – pessoas de todas as partes do mundo construíram essas estátuas de laser, uma a cada três minutos (Fotos de: Martín Vargas, CC 3.0. Fonte: <<http://www.lozano-hemmer.com/images.php>>)

O sistema social límbico das redes pode, eventualmente, resolver o drama da crise atual. Podemos esperar por uma colaboração intercultural em todos os níveis, na qual o ambiente será o tema de renovada união da humanidade e a principal preocupação de todas as culturas juntas. O cidadão digital, na verdade, não irá desejar apenas ser informado sobre um lugar para jantar ou sobre a previsão do tempo por seus acessórios tecnológicos, mas também irá querer saber como o mundo está e como ele ou ela tem responsabilidade, mesmo que pequena, por essa condição. Temos todos os tipos de pulseiras que nos falam sobre nossa saúde pessoal. No futuro, teremos aplicativos que nos manterão informados sobre a saúde do mundo. A pergunta que faço é: como e quando, coletivamente, faremos a transição necessária que nos levará da *cidade inteligente* ao *planeta inteligente*? **M**

REFERÊNCIAS

- CANETTI, E. *Crowds and power*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1984 (publicação original: 1960).
- CASTELLS, M. *Communication power*. Nova York: Oxford University Press, 2009.
- DYSON, E. WikiLeaks' flawed answer to a flawed world. *Project Syndicate*, 13 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.project-syndicate.org/commentary/wikileaks--flawed-answer-to-a-flawed-world>>. Acesso em: 21 maio 2015.
- ELLUL, J. *Propaganda: The formation of men's attitudes*. New York: Vintage Books, 1973.
- EISENSTEIN, E. *The printing press as an agent of change: communications and cultural transformations in early modern Europe* (2 vols. ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- HESSEL, S. *Time for outrage!* London: Charles Glass Books, 2011 (publicação original: 2010).
- LE BON, G. *The crowd: a study of the popular mentality*. Dunwoody: N. S. Berg, 1968 (publicação original: 1895).
- MCLUHAN, H. M. *The Gutenberg Galaxy: the making of typographic man*. Toronto: University of Toronto Press, 1962.
- . *Understanding media: the extensions of man*. New York: McGraw Hill, 1964.
- SOFI, A. L'Iran, Twitter e i mille occhi dei nuovi media. *Apogeeonline*, 25 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.apogeeonline.com/webzine/2009/06/25/liran-twitter-e-i-mille-occhi-dei-nuovi-media>>. Acesso em: 21 maio 2015.
- THE WASHINGTON TIMES. *Editorial – Iran's Twitter revolution*. Disponível em: <<http://www.washingtontimes.com/news/2009/jun/16/irans-twitter-revolution/>>. Acesso em: 21 maio 2015.

- TUFEKCI, Z. New media and the people-powered uprisings. *MIT Technology Review*, 30 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.technologyreview.com/view/425280/new-media-and-the-people-powered-uprisings/>>. Acesso em: 21 maio 2015.
- WHITE, M. Clicktivism is ruining leftist activism. *The Guardian*, 12 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/commentisfree/2010/aug/12/clicktivism-ruining-leftist-activism>>. Acesso em: 21 maio 2015.

Artigo recebido em 15 de abril e aprovado em 21 de maio de 2015.